



GRZYBOWSKI, Adam; GOLDMAN, Luis (ilustração). *Bíblia: versão não autorizada*: livro I, Gênesis. Rio de Janeiro: Tinta Negra, 2014. 224p.

ROANI, Gerson; NASCIMENTO, Lyslei (Org.). *Estudos Judaicos: Torá*. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2014. 270p.

O Livro dos Livros para o nosso tempo

Tereza Virgínia Ribeiro Barbosa*

Duas novas obras sobre a Bíblia chegam ao mercado. Uma vai ao *Gênesis*, outra percorre a *Torá*. Aos céticos, as perguntas lhes vêm, é natural: “É possível algo de novo sobre a Bíblia? Por que mais uma obra a respeito nesse mar de estudos turbulentos, infundados e maçantes – o qual, por seu turno, se mostra às vezes calmo demais, quase parado, às vezes traçado em instáveis paixões?” “De mais a mais”, acrescentariam os descrentes, “por que ler a Bíblia hoje?”.

No caso das duas reflexões abordadas, a revisitação de textos tão antigos realmente poderia nos causar fastio não fosse o foco diferenciado. Se algumas das perguntas anteriores lhes ocorreram, lamento dizer que tais questões nasceram de um pressuposto equivocado. O alvo dessas obras, na verdade, é outro, e a indagação que convém colocar se envereda antes pelo “como” do que pelo “porquê” de ler a Bíblia hoje.

Não há como escapar de alguns textos fundadores, a *Ilíada*, a *Odisseia*, o *Quixote*, a *Divina Comédia* e tantos outros, se se quer mergulhar na origem escrita de nossa civilização. Sem dúvida, estamos de frente para aquele velho problema edípico de saber de onde viemos (jornada que se reconhece impossível, mas que não deteve o desejo de avançar pelo menos até certo ponto, até a mais remota origem constatável), de sondar o mal, de conhecer – e desfrutar – dos prazeres de um corpo que temos e enfim de averiguar por que razão nós o teríamos senão para gozá-lo?

E, verificadamente, a Bíblia, a biblioteca judaica de formação de um povo, está na base de todos esses desafios, coloca-os em suas linhas e os debate. Por outro lado, os mesmos temas incendiaram quase todos os grandes escritores do nosso mundo, que os examinam e exploram em seus textos, e pode-se notar que grande parte deles visitou as respostas bíblicas. Assim, conhecer o chamado “Livro dos Livros”, no superlativo, é ainda conhecê-los um pouco mais.

Mas carece mostrar a vantagem das publicações que se oferecem. Elas abordam As Escrituras Judaicas sob um ângulo renovado, um lugar onde se constata o



“imoral, no melhor sentido”. Sem dúvida, você, leitor prevenido a favor da Bíblia (logicamente, estes também existem!), pode estar pensando “Ah, mas, então, são trabalhos apelativos, desrespeitosos...” Não, amigo, decerto que não! As obras são, ambas, publicações de pensadores livres, bem-humorados e inteligentes – incluem quadrinhos em cores, ensaios fundamentados e um relato precioso do tradutor, pesquisador e ensaísta Jacó Guinsburg, memórias e a constatação de uma experiência de “renascimentos miraculosos do poder da linguagem das Escrituras” – sobre textos sensíveis.

Nas escritas resultantes desse conjunto de mentes argutas, das quais algumas são mesmo brilhantes, As Escrituras se manifestam mais fecundas que nunca, mais contemporâneas e eternas do que sempre. Desse modo, eis, então, que nos vêm duas obras que dialogam com nosso tempo e que nos mostram facetas absolutamente práticas e aplicáveis das tão antigas escrituras. Lá permanecem as escrituras judaicas – e cristãs – pulsantes, elas que também se põem em relação, por alguns elementos comuns, com o mundo islâmico, elas surpreendentes e absolutamente novas. Se sagradas, se profanas as abordagens nos impelem e motivam para o diálogo com o tempo que é o agora.

Daí vemos nos desenhos, muito expressivos, chegando perto do minimalismo, nossa própria rotina na *Bíblia, versão não autorizada*. Um humor rápido, leve e constante que coloca os irmãos Abel e Caim em suas brigas “fraternas”, a hipérbole de um Onã que lembra os adolescentes de descartáveis comédias cinematográficas norte-americanas, um D’us caminhando com o amigo Noé, Abraão tomando água de cactos e todo um universo humano e cotidiano regado a boas piadas sexuais, elaboradas a partir de todo um acervo de dúvidas, interrogações e interpelações que unem crentes e não crentes. Como o texto de que se propõe ser uma versão, o trabalho de Goldman e Grzybowski pode ser lido de forma linear ou não, como cartuns ou como uma narrativa. Páginas belíssimas surgem como a que nos faz ver a descendência de Abraão e nos levam a uma oração contemplativa ou, para os mais reticentes ou relutantes no que concerne a rebeldes com a fé, a uma meditação restauradora sobre as lacunas do discurso religioso, passíveis de moldagem, colagem, interferências e releituras. À moda de Giorgio Agamben, ambos os livros profanam, ou seja, trazem o sagrado para o uso comum, diário vivo para uso do leitor.

Como agora o tempo do mundo ocidental é avesso ao sacrifício, um adversário a encarar se impõe: a fé que leva o homem a se colocar frente ao sacrifício absurdo de um pai com “devoção assassina”, às sombrias possibilidades da obediência cega às ordens de um Deus desconhecido – seria ausente? Vemo-nos diante de toda a perplexidade do homem, que nos move continuamente à pesquisa, à investigação, à inquirição, aqui, particularmente, perscrutada pela



hermenêutica de *Estudos judaicos: Torá* nos coloca no ponto extremo da tensão entre o uno e o múltiplo, entre o geral e o particular tão em voga em nossas condutas “politicamente corretas”. Extravasam da Bíblia os dramas mais profundos, escrutinados à luz da história, da mística e da ética judaica no pensamento acadêmico. Resultado: contemplamos encontros individuais com a tradição judaica e da cultura ocidental analisados e observados com finura e nessa singularidade percebemos a formação de uma corrente de pensamento indubitavelmente forte e constituinte de nossa cultura. Essas trajetórias singulares esclarecem por que, para ateus, agnósticos e professos de algum credo, é preciso enfrentar a existência de opções conflitantes mantendo o entendimento e o respeito mútuo.

Entra em pauta, finalmente, a discussão sobre o caminho do sentimento da presença de Deus no mundo, da oração; de sua presença em uma multiplicidade de livros de épocas, realidades e autores diversos; os caminhos de estudo e meditação sobre a palavra, a beleza e a ética; estudo de sua presença nos atos sagrados, profanos e na prática. O mundo é um véu, que, se removido, revela a divindade, prescreve o panenteísmo. A natureza existe em Deus. Boa reflexão para se ter incorporada em tempos de preocupação ecológica candente e de crise hídrica e energética...

Em tempos de desvalorização da “moeda” vida e da evidência de uma absoluta solidão entre os homens, confortável é saber que Deus é o “transcendente disfarçado” e “significa: ninguém nunca está sozinho”. Um exercício de mudança de perspectiva na prática concreta e diária. Por isso vale ler as ideias de todos, reunidas em dois volumes, na vibrante, séria, divertida, ácida e cordial tradução em história em quadrinhos e no fundamentado compêndio que percorre a história dos estudos bíblicos e a semiologia bíblica; que compara, irreverentemente, o *Cântico dos Cânticos* e o *Ob amoris pressuram*. Ensaios instigantes mostram o uso do texto bíblico e o conforto ou a inquietação que ele dá para este tempo que se chama hoje.

* **Tereza Virgínia Ribeiro Barbosa** é professora de Língua e Literatura Grega na Faculdade Letras da Universidade Federal de Minas Gerais.